

POR UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA PARA A POSIÇÃO DOS SUJEITOS PRÉ-VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU

Cláudia Roberta Tavares Silva (*)
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Neste artigo, tenho como objetivo precípuo argumentar a favor da idéia de que sujeitos pré-verbais no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE) estão ocupando a posição-A Spec, AgrSP, uma análise que contraria a proposta de eles estarem deslocados à esquerda conforme defendem Barbosa (1996), Barbosa; Duarte; Kato (2001), dentre outros. Ademais, tomando por base a pesquisa desenvolvida por Costa e Galves (2002), apresentarei evidências de que tanto no PB quanto no PE há movimento curto do verbo, ao contrário de línguas como o francês. Nessa acepção, estando os sujeitos pré-verbais em ambas as línguas na posição mais alta da frase e tendo o verbo se movido até T, há motivação para que a componente morfológica atue sobre as derivações sintáticas. Para tanto, a análise encontra-se fundamentada no quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; BOBALJIK, 1995).

PALAVRAS-CHAVE: Posição dos sujeitos pré-verbais; movimento do verbo; morfologia verbal

1. Introdução

Neste trabalho¹ tenho por finalidade, por um lado, discutir a posição dos sujeitos pré-verbais no PB e no PE, a fim de evidenciar que eles estão na posição mais alta da estrutura frásica, nomeadamente Spec, AgrSP, não sendo Spec, TP licenciado nos contextos declarativos finitos submetidos à análise por razões relacionadas à morfologia flexional nessas línguas tal como ocorre no inglês (BOBALJIK, 1995), uma situação que contraria a generalização de que sujeitos pré-verbais nessas línguas estão deslocados à esquerda,

¹ Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa da CAPES durante o curso de doutoramento

sendo duplicados por uma categoria pronominal (BARBOSA, 1996; COSTA; GALVES, 2002; BRITTO, 2000; BARBOSA; DUARTE; KATO, 2001, dentre outros). Por outro, com base no quadro teórico da Morfologia Distribuída, argumentarei a favor da existência de movimento pós-sintático na componente morfológica da gramática dessas línguas, nomeadamente, *Lowering* de Agr-para-T.

Com base no exposto acima, duas previsões erguem-se da análise aqui desenvolvida: a) o parâmetro EPP formulado por Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) não ganha suporte empírico quando se observa que sujeitos pré-verbais ocupam Spec, AgrSP no PE, uma língua pro-drop prototípica, o que me leva a assumir, ao contrário dessas autoras, que o traço EPP da categoria AGR é checado por *Move* ou *Merge* de um DP e não pelo movimento do verbo e b) o caráter “defectivo” de Agr na gramática do PB parece estar relacionado à morfologia flexional que tem se tornado inerte à identificação de sujeitos nulos referenciais e não diretamente ao fato de essa categoria possuir o traço-D fraco, tendo em vista que *Move* ou *Merge* de um DP no Spec dessa categoria funcional é licenciado tal como ocorre no inglês.

Em suma, na seção 2, apresentarei argumentos que favorecem a existência do movimento curto de V-para-T na gramática do PB e do PE, tomando por base a análise de Costa e Galves (2002); na seção 3, analisarei a posição dos sujeitos pré-verbais em ambas as línguas onde não só discorrerei sobre algumas análises que assumem o fato de esses sujeitos estarem deslocados à esquerda, como também apresentarei contra-evidências às mesmas e, por fim, na seção 4, apresentarei as conclusões depreendidas ao longo da análise.

2. Evidências para movimento curto de V-para-T na gramática do Português Brasileiro e do Português Europeu

Pollock (1989), ao observar o comportamento assimétrico entre o inglês e o francês no que se refere à posição de advérbios de VP como “frequentemente” ((*souvent* (francês), *often* (inglês)) e de quantificadores flutuantes como “todos” ((*tous* (francês), *all* (inglês)), chega a concluir que a primeira língua não possui movimento de V-para-I na sintaxe, ao contrário da segunda. Uma das evidências encontradas pelo autor é que nas sentenças declarativas do inglês esses advérbios e quantificadores não podem romper a adjacência entre o

verbo e o seu complemento, ao passo que no francês é obrigatória a não-adjacência entre esses constituintes, o que implica considerar que o verbo se move para fora do VP. Vejam-se, portanto, as seguintes frases:

- (1)a. *John kisses often Mary.
“O João beija frequentemente a Maria.”
 - b. Jean embrasse souvent Marie.
“O João beija frequentemente Maria.”
 - c. John often kisses Mary.
“O João frequentemente beija a Maria.”
 - d. *Jean souvent embrasse Marie.
“O João frequentemente beija a Maria.”
- (2)a. *My friends love all Mary.
“Meus amigos amam todos a Maria.”
 - b. Mes amis aiment tous Marie.
 - c. “Meus amigos amam todos a Maria.”
My friends all love Mary.
“Meus amigos todos amam a Maria.”
 - d. *Mes amis tous aiment Marie.
“Meus amigos todos amam a Maria.”

(POLLOCK, 1989, p. 367)

Contrariamente à proposta de Pollock que estabelece associação entre Agr transparente e movimento do verbo, sendo este a causa da riqueza morfológica do núcleo flexional numa língua como o francês, Vikner (1997) argumenta que o movimento do verbo nas línguas particulares é consequência da riqueza morfológica da flexão verbal. Para tanto, ao rediscutir as diversas propostas de análises que se embasam no fato de a morfologia flexional rica ser o fator desencadeador do movimento do verbo e, com base na análise de paradigmas flexionais em diversas línguas, o autor chega à formulação da seguinte generalização:

- (3) Movimento de V^o-para-I^o se e somente se todos os tempos são flexionados para pessoa.

Assumindo nesta pesquisa a generalização em (3) de que morfologia rica que motiva o movimento do verbo está relacionada à morfologia de pessoa presente em todos os tempos verbais, é plausível assumir, tomando por base os paradigmas flexionais do PB e do PE

conjugados no presente e no pretérito, que a morfologia flexional relacionada a esse movimento é rica em ambas as línguas em virtude de haver morfologia de pessoa nesses tempos verbais. Nessa acepção, analisando as frases declarativas do PB e do PE, a seguir, extraídas de Costa e Galves (2002, p. 111), corrobora-se a análise de Vikner (1997): advérbios de VP e quantificadores flutuantes podem ocorrer entre o verbo e o seu complemento, o que serve de evidência empírica, à semelhança do francês, de que o verbo se move para fora do VP:

(4)a. O João beija freqüentemente a Maria.

b. As crianças beijam todas a Maria.

(5)a. Jean embrasse souvent Marie.

“O João beija freqüentemente Maria.”

b. Mes amis aiment tous Marie.

“Meus amigos amam todos a Maria.”

Não obstante, o PB e o PE permitem que o advérbio *freqüentemente* e o quantificador flutuante *todas* rompam a adjacência entre o sujeito e o verbo (cf. (6)), ao contrário do francês (cf. (7)):

(6) a. O João freqüentemente beija a Maria.

b. As crianças todas beijam a Maria.

(7) a. *Jean souvent embrasse Marie.

“O João freqüentemente beija a Maria.”

b. *Mes amis tous aiment Marie.

“Meus amigos todos amam a Maria.”

Com base na assimetria acima, poder-se-ia pensar, à primeira vista, que a possibilidade de o advérbio e o quantificador flutuante ora ocuparem a posição pré-verbal (cf. (6)), ora a posição pós-verbal (cf. (4)) seria evidência de que o movimento de V-para-I na gramática do PB e do PE é opcional, no entanto, Costa e Galves (op. cit., p. 112) apresentam argumentos convincentes à não-opcionalidade:

a) posição de advérbios como *bem* e *atentamente* só são legitimados em posição pós-verbal:

(8) a. *O Pedro bem/ atentamente leu o livro.

a'. O Pedro leu bem/ atentamente o livro.

b) posição distinta para advérbios que são ambíguos entre uma leitura de modo e uma leitura orientada para o sujeito:

- (9) a. O Pedro atentamente leu o livro. (Orientado para o sujeito/
*Modo)
b. O Pedro leu atentamente o livro. (*Orientado para o sujeito/
Modo)

Portanto, a partir dos dados de (8) e (9), sou levada a assumir com Costa e Galves (2002) que o movimento do verbo é obrigatório na gramática do PB e do PE. Adotando a cisão da categoria funcional IP em AgrP e TP, a questão que se ergue é saber para que núcleo flexional o verbo se move nessas línguas, se para Agr, à semelhança do francês, ou para T.

Costa e Galves observam, por um lado, que no PB e no PE advérbios, como *inteligentemente*, quando possuem leitura orientada para o sujeito, necessariamente rompem a adjacência entre o sujeito e o verbo nessas línguas (cf. (10a)), ao passo que, possuindo esse mesmo advérbio leitura de modo, ele deve seguir o verbo (cf. (10b)). Por outro lado, esse tipo de advérbio, ao romper a adjacência entre o verbo e o objeto no francês, possui os dois tipos de leitura indistintamente (cf. (11)):

- (10) a. O Pedro inteligentemente leu o livro. (leitura orientada para o sujeito/ *leitura de modo)
b. O Pedro leu inteligentemente o livro. (*leitura orientada para o sujeito/ leitura de modo)
(11) Pierre lit *intelligement* le livre. (leitura orientada para o sujeito/ leitura de modo)

(COSTA; GALVES, op. cit., p. 112-113)

Assumindo com Costa (1998) que advérbios com leitura orientada para o sujeito estão adjungidos à projeção TP e que advérbios de modo estão adjungidos ao VP, fica evidenciado que em (10a) o verbo se move até o núcleo T, estando o advérbio orientado para o sujeito em adjunção a TP. Já no francês, tendo em vista a ambigüidade entre a leitura de orientação para o sujeito e a leitura de modo do advérbio, o verbo encontra-se em Agr.

Evidência adicional para o movimento curto do verbo no PB e no PE tem a ver com a assimetria constatada entre essas línguas e o italiano. Nessa última, Costa e Galves, citando Belletti (1990), observam que quantificadores indefinidos como *Nessuno* (“ninguém”)

só podem ser legítimos na posição pré-verbal se recebem uma entoação especial². Não obstante, no PB e no PE, esses quantificadores não estão submetidos a esse tipo de restrição. A falta de adjacência atestada em ambas as línguas difere da que é encontrada no italiano. Nessas línguas, advérbios, como *provavelmente* e *possivelmente*, podem romper a adjacência entre o sujeito e o verbo (cf. (12)), ao contrário do italiano (cf. (13)):

(12) Ninguém provavelmente falhou.

(13) *Nessuno probabilmente ha sbagliato.
 “Ninguém provavelmente falhou.”

(COSTA; GALVES, 2002, p. 111)

Portanto, se o verbo pára em T no PB e no PE, fica explicada, por um lado, a falta de adjacência entre o sujeito e o verbo em (12) e em (10a), bem como fica evidenciado que o traço-V de T é forte em ambas as línguas. No francês, por outro lado, o traço-V de Agr é forte e, portanto, o verbo sobe até esse núcleo funcional para a verificação desse traço.

3. Por uma análise dos sujeitos pré-verbais no português brasileiro e no português europeu

Analisando a posição dos sujeitos pré-verbais em línguas de sujeito nulo, em específico, nas línguas românicas, Barbosa (1996) assume que a real posição argumental para os sujeitos é Spec, VP, posição onde são gerados, sendo a posição pré-verbal uma posição não-A, tendo em vista os sujeitos ou estarem deslocados à esquerda, ou sofrerem movimento-A' para uma posição relacionada com Foco. As evidências encontradas pela autora baseiam-se em dois dialetos do norte da Itália: o trentino e o fiorentino que possuem clíticos sujeitos, além dos sujeitos que se encontram deslocados à esquerda. Tal proposta implica considerar, portanto, que os sujeitos pré-verbais em línguas não-pro-drop, como o inglês e o francês, ocupam a posição-A, nomeadamente Spec, IP³, e que a ordem SVO atestada nas línguas pro-drop consiste ou de construções com Deslocamento à Esquerda

² Para uma análise similar, ver Barbosa (1996).

³ Neste artigo só farei menção às categorias AgrP e TP quando necessário.

Clítica (*Clitic Left Dislocation* (CLLD)) ou do movimento do sujeito para o Spec de uma categoria funcional relacionada com foco, nomeadamente Spec, CP.

Partindo do acima exposto, a autora assume que, nos casos de inversão sujeito-verbo numa língua como o italiano, Spec, IP é preenchido por um expletivo nulo (*pro*) à semelhança de Rizzi (1997), havendo o movimento do verbo até I e permanecendo o sujeito em sua posição de base, Spec, VP (cf. (14a')). Nos casos da ordem SVO, duas situações podem ser depreendidas: a) o sujeito encontra-se deslocado à esquerda numa posição de adjunção à categoria máxima IP, sendo duplicado por um *pro* na posição Spec, IP, havendo movimento de V-para-I (cf. (15a')) e b) o sujeito ocupa Spec, CP nos contextos de focalização via movimento-A' e o verbo move-se até o núcleo dessa categoria funcional (cf. (16a')):

(14) a. Telefona Gianni.

a'. [_{IP} *pro* (expletive) [_{I'} telefona [_{VP} Gianni t]]]

(15) a. Gianni telefona.

a'. [_{IP} Gianni_i [_{IP} *pro*_i telefona ...]]

(16) a. GIANNI telefona.

a'. [_{CP} GIANNI [_{C'} telefona t]]

(BARBOSA, op. cit., p. 376)

A fim de fundamentar sua proposta de análise para a distinção entre línguas pro-drop e não-pro-drop no que se refere à posição estrutural dos sujeitos pré-verbais, a autora retoma estruturas frásicas do fiorentino (doravante F) e do trentino (doravante T) em que clíticos sujeitos devem ser foneticamente realizados nesses dois dialetos (ex: *(Tu) parli (F) “*(você) fala.”; *(Te) parli (T) “*(você) fala.”), ao contrário do que acontece no italiano *standard*, que não possui clíticos sujeitos, mas permite sujeitos nulos referenciais (ex. Parli “(você) fala”).

Seguindo o viés argumentativo de Barbosa, Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) assumem que nas línguas pro-drop a única posição-A para os sujeitos é, de fato, Spec, VP, estando os sujeitos pré-verbais deslocados à esquerda, o que caracteriza uma construção CLLD. Essas autoras propõem que a checagem do traço EPP que é universalmente forte dá-se de forma diferenciada em línguas pro-drop, como o grego, o italiano e o espanhol, e em línguas não-pro-drop,

como o francês e o inglês. Nas primeiras, esse traço é checado por *Move* ou *Merge* de um X^o (*línguas EPP-fracas*), ao passo que nas últimas sob *Move* ou *Merge* de um XP (*línguas EPP-fortes*), o que implica considerar que, nessas últimas, os DPs sujeitos têm propriedades-A. Ademais, é assumido que nestas últimas o traço-D forte (ou melhor, o traço EPP) força a presença de um XP no Spec, AgrSP, a fim de o traço dessa categoria ser checado. Do contrário, em línguas pro-drop, Spec, AgrSP não precisa ser projetado, tendo em vista os sujeitos pré-verbais terem propriedades-A'. Sob a existência desse parâmetro, essas autoras defendem que línguas pro-drop, como o grego, têm a possibilidade de checar o traço EPP através dos afixos de concordância que ocorrem no verbo, os quais tem o status categorial de um pronome⁴ em virtude de incluir “a nominal element ([+D, + interpretable phi-features, potentially +Case]” (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, op. cit., p. 516)⁵.

Tomando por base os dois dialetos italianos, o trentino e o fiorentino, as autoras também argumentam que, sendo línguas de sujeito nulo, a checagem do traço EPP não pode dar-se via *Merge/Move* de um XP, mas através de um elemento X^o inserido no núcleo AgrS que corresponde, nesses casos, ao clítico sujeito. Argumentando que não há expletivos nulos na ordem VSO em línguas pro-drop na posição Spec, IP, é proposto também pelas autoras que a checagem do traço EPP da categoria AgrSP dá-se via movimento do verbo para o núcleo dessa categoria funcional, tendo em vista os afixos de concordância possuírem uma natureza pronominal.

3.1. Sujeitos pré-verbais estão deslocados à esquerda no português brasileiro

Tem sido sobejamente assumido que sujeitos pré-verbais no PB estão deslocados à esquerda (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2001; DUARTE, 2000; BRITTO, 2000; KATO, 2000; COSTA; GALVES,

⁴ Alexiadou e Anagnostopoulou (1998, p. 531) propõem: “the AGR affix actually replaces the subject DP in its EPP-licensing capacity” (O afixo AGR realmente substitui o DP sujeito em sua capacidade de licenciar o EPP. – Tradução minha).

⁵ Um elemento nominal ([+D, +traços-phi interpretáveis, +Caso potencialmente] - Tradução minha.

2002, dentre outros.). Uma das evidências para essa análise baseia-se no fato de as construções com duplicação do sujeito serem bastante produtivas no PB, as quais consistem na duplicação desse constituinte por um pronome resumptivo co-referente nulo ou preenchido em Spec, TP quer em sentenças principais, quer em sentenças subordinadas, podendo haver ou não um corte entoacional, bem como outros constituintes que intervenham entre eles:

(17) Eu acho que um trabalho sério_i ele_i teria que começar por aí.

(18) Você_i, no Canadá, você pode ser o que quiser.

(DUARTE, op. cit, p. 28-29)

Ao contrário do PB, construções com sujeitos pré-verbais deslocados à esquerda são marcadas no PE. Os sujeitos dessas construções necessitam de uma interpretação de foco, não podendo haver adjacência sintática entre eles e o pronome resumptivo e, ainda, a presença de um corte entoacional é obrigatória:

(19)a.O João... ele estupidamente entornou o café.

(COSTA, 2003, p. 39)

b.A: Quem foi à praia?

B: O Pedro...ele foi, os outros não sei.

(COSTA; GALVES, 2002, p. 119)

Além do contexto marcado ao qual os sujeitos deslocados em PE estão submetidos, sentenças subordinadas com sujeitos deslocados à esquerda não são produzidas pela gramática dessa língua (cf. (20)). Contudo, como atestam Costa e Galves, a posição pós-verbal está disponível ao pronome resumptivo nessa gramática, ao contrário da gramática do PB que não produz inversão sujeito-verbo com verbos (in)transitivos (cf. (21)):

(20) Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença.
(PB/*PE)

(21) O Pedro, leu ele o livro. (*PB/PE)

(COSTA; GALVES, 2002, p. 115-118)

Duarte (2000, p. 27) defende que a emergência de construções com duplicação do sujeito e a não-produção de ordens VS com verbos (in)transitivos no PB evidenciam que essa língua está caminhando para se tornar uma língua não-pro-drop, como o francês, em virtude

do enfraquecimento de sua morfologia de flexão verbal e, conseqüente, perda do *Princípio Evite Pronome*.

Segundo Britto (2000, p. 203), as construções com duplicação dos sujeitos no PB e no francês (cf. (22a) e (22b)) são similares ao que ocorre na ordem SV no PE (cf. (22c))⁶. À semelhança da análise de Barbosa (1996), é assumido que os sujeitos pré-verbais no PB estão deslocados à esquerda, estando adjungidos a IP e sendo duplicados por um pronome co-referente em Spec, IP:

- (22) a. [_{XP} DP [_{IP} ele [_{I'} V (...)]]] (PB)
 b. [_{XP} DP [_{IP} il [_{I'} V (...)]]] (Francês)
 c. [_{XP} DP [_{IP} *pro* [_{I'} V (...)]]] (PE)

Adotando a proposta de Cardinaletti e Starke (1994) para a distinção dos pronomes em fortes e deficientes (fracos e clíticos), Kato (2000) e Britto (2000) argumentam que o pronome que duplica o sujeito no PB é um pronome fraco por poder sofrer redução fonológica (você *cê*), possuir um antecedente proeminente no discurso que, nesse caso, é o sujeito à sua esquerda, não poder ocupar posições periféricas na frase, não poder ser coordenado e modificado, estando excluída a possibilidade de atribuição de um acento contrastivo sobre ele.

Seguindo a análise de Galves (1996), Kato (2000) argumenta que o PB não possui a categoria Agr independente em virtude do enfraquecimento de sua morfologia flexional, o que implica num sincretismo dessa categoria com T. Em línguas, como o espanhol, que possuem morfologia flexional rica, Agr é projetado, sendo o afixo de concordância uma espécie de pronome tal como defendido por Alexiadou e Anagnostopoulou (1998). Sob o ponto de vista de uma perspectiva minimalista, a autora sugere que Agr pronominal não vem preso ao verbo desde a numeração, sendo este flexionado apenas para tempo. Nessa

⁶ Em Silva (2004), apresento argumentos contrários à análise de Britto (2000), pois evidências empíricas distinguem as construções de duplicação do sujeito em PB e em francês. Na primeira língua, os sujeitos duplicados não se encontram necessariamente deslocados à esquerda e, portanto, não estão deslocados à esquerda da frase, ao contrário da segunda língua. Para maiores detalhes, conferir também o artigo de Costa, Duarte e Silva (2005) publicado nesta revista.

análise, Agr pronominal já aparece desde a base no núcleo D em Spec, VP como argumento do verbo, o que culmina na eliminação de *pro* referencial como uma categoria descritiva. Nesse sentido, Spec, TP não é projetado, tendo em vista que Agr pronominal *merge* com o verbo sob adjacência. Uma consequência dessa análise é a seguinte: em construções com deslocamento à esquerda em línguas de sujeito nulo, não há *pro* ocupando a posição Spec, TP, mas o afixo pronominal adjungido a T é responsável para manter co-referência com o DP deslocado.

No desenvolver de sua análise, Kato (2000) também defende que os clíticos sujeitos no trentino e fiorentino encontram-se gerados no núcleo D em Spec, VP, não sendo necessário recorrer ao Agr pronominal, tendo em vista já funcionarem como um elemento de concordância. No inglês, ao contrário, Spec, TP é preenchido pelo DP sujeito, em virtude do enfraquecimento da morfologia flexional nessa língua⁷. Vale dizer que nessa proposta tanto o pronome fraco quanto os clíticos sujeitos e os afixos pronominais possuem traços-phi e de Caso. Sendo o traço-V de T forte, o verbo sobe até o núcleo dessa categoria funcional para checar esse traço; sendo o traço-D de T também forte, ele deve ser checado pelo pronome em Spec, TP no inglês, pelo clítico sujeito ou pelo afixo de concordância que *merge* com o verbo através de sua adjunção a T no caso do trentino e do espanhol, respectivamente.

Contrariamente à análise de Kato (op. cit.), verifico que não só no PE (cf. COSTA, 2003), como também no PB, há motivação para serem projetadas as categorias funcionais AgrSP e TP na sintaxe, em virtude de os sujeitos não estarem em Spec, TP, mas na posição mais alta da frase. Ademais, assumirei com Bobaljik (1995) que em línguas, como o inglês, Spec, TP não está disponível para hospedar os sujeitos pré-verbais, ao contrário do islandês, o que vem corroborar a existência do Parâmetro Spec, TP formulado em (23):

⁷ A análise proposta por Kato para o inglês é similar ao que é proposto para o PB, sendo a única diferença a ausência do movimento do verbo para o núcleo flexional na sintaxe da primeira língua.

(23) *The Spec, TP Parameter*

Some languages license Spec, TP as a potential landing site for the subject NP, other languages do not license this position⁸ (BOBALJIK, 1995, p. 30).

Tal parâmetro ganha suporte explicativo quando verificada a morfologia de flexão verbal, valendo dizer, de antemão, que línguas em que Spec, TP não é licenciado, como é o caso do inglês, a componente morfológica atua como uma espécie de filtro sobre as derivações sintáticas, uma situação não prevista na análise de Kato (2000).

Comparando o paradigma flexional do islandês e do inglês conjugado no presente e no pretérito, Bobaljik observa que na primeira língua há razão para dizer que os morfemas T e Agr não estão em distribuição complementar em virtude de os morfemas de tempo *-ði* e *-ðu* co-ocorrerem com os morfemas de Agr *-r*, *-m* e *-ð* no pretérito. No inglês, por sua vez, o morfema *-ed* que marca esse tempo e o morfema *-s* indicador da terceira pessoa do singular no presente estão em distribuição complementar. Em outras palavras, sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), esses morfemas estão competindo para a sua inserção no mesmo nó terminal fornecido pela sintaxe à componente morfológica no inglês. Face à distinção entre essas línguas, o autor conclui: “[...] it appears that the presence of a marker of the past tense [in English] blocks insertion of an agreement marker. The lack of such competition in Icelandic suggests that there are at least two distinct nodes which may serve as the locus of vocabulary insertion”⁹ (BOBALJIK, 1995, p. 25).

Levando em conta a distribuição complementar *versus* a não distribuição complementar dos morfemas Agr e T no inglês e no islandês, respectivamente, o autor verifica que, ao contrário da

⁸ *O Parâmetro Spec, TP*

Algumas línguas licenciam Spec, TP como um lugar potencial para o NP sujeito, outras línguas não licenciam esta posição - Tradução minha.

⁹ [...] parece que a presença de um morfema do tempo passado bloqueia a inserção de um morfema de concordância. A ausência de tal competição em islandês sugere que há pelo menos dois nós distintos que podem servir como o *locus* da inserção do vocabulário - Tradução minha.

primeira língua, o islandês possui construções expletivas transitivas (*Transitive Expletive Constructions (TECs)*) que servem como diagnóstico de que Spec, TP é licenciado obrigatoriamente. Nessas construções, o sujeito pode ocupar uma posição intermediária entre o verbo auxiliar e o verbo principal, precedendo advérbios como *completamente* que se encontram adjungidos ao VP, o que implica considerar que o sujeito está fora do VP e numa posição-A mais baixa do que Spec, AgrSP, nomeadamente Spec, TP:

(24) það hefur sennilega einhver_{[VP} alveg _{[VP} lokið
erkefninu]].

EXPL tem provavelmente alguém completamente terminado a incubência

“Provavelmente alguém terminou a incubência completamente.”
(JONAS; BOBALJIK (1993 *apud* ALEXIADOU;
GNOSTOPOULOU, 1998, p. 497))

Estando, portanto, em distribuição complementar os morfemas T e Agr no inglês, há motivação para que ocorra fusão na componente morfológica ou, mais precisamente, *merger morfológico* entre os nós sintáticos terminais. Essa operação de fusão só pode ocorrer entre nós irmãos, o que implica um processo de rearranjo desses nós para satisfazer o requisito da adjacência formulado em (25):

(25) *The Adjacency Condition*

In order for an affix and a stem to be combined, they must be adjacent.¹⁰

(BOBALJIK, *op. cit.*, p. 57)

Um outro aspecto que vem corroborar a atuação da componente morfológica na gramática do inglês como uma espécie de filtro sobre as derivações sintáticas tem a ver com o movimento de *Lowering* de I-para-V motivado nessa componente. Conforme já referido no início deste artigo, o inglês, ao contrário do francês, não possui movimento de verbos principais para o núcleo flexional na sintaxe, sendo uma das

¹⁰ *A Condição de Adjacência:*

Para um afixo e uma raiz serem combinados, eles devem ser adjacentes -
Tradução minha.

evidências a impossibilidade de ocorrerem advérbios de VP entre o verbo e o argumento interno. Com base nisso, surge a pergunta: como os afixos flexionais estão presentes no núcleo verbal, já que este não se move para fora do VP?

Assumindo que a sintaxe manipula os traços da raiz verbal, bem como dos núcleos flexionais, Bobaljik propõe que, caso o movimento de núcleo a núcleo na sintaxe não seja permitido, os afixos flexionais são “fundidos” com a raiz verbal através do processo *merger morfológico*, uma operação que requer adjacência entre esses nós como já referido. Portanto, se houver um constituinte que rompa essa adjacência, como é o caso da negação no inglês, essa operação é bloqueada, utilizando-se como estratégia de último recurso a inserção do auxiliar DO que serve de suporte aos afixos flexionais, caso contrário a frase é agramatical.

Bobaljik pontua que, tanto numa análise que defenda o movimento de V-para-I na sintaxe, como ocorre no francês com todos os tipos de verbos e no inglês apenas com os auxiliares (POLLOCK, 1989), quanto numa que assuma o movimento de V-para-I em LF (CHOMSKY, 1991), não há problemas quando a categoria NegP não intervém entre IP e VP. Contudo, o autor salienta que, por alguma razão, o alçamento no inglês de V-para-I em LF é bloqueado quando NegP está presente. Para solucionar esse problema o autor baseia sua análise no que é proposto por Halle e Marantz (1993). Indo de encontro à proposta de *lowering sintático* e do movimento de V-para-I em LF, esses autores argumentam que o nó afixal une-se à raiz verbal através de *merge morfológico* pelo fato de não haver elementos que rompam a adjacência entre esses nós. Nesse sentido, *Lowering* de I-para-V é motivado na componente morfológica do inglês.

3.2. Sujeitos pré-verbais estão em Spec, AgrSP no português brasileiro e no português europeu: contra-evidências à análise do deslocamento à esquerda dos sujeitos

Nesta subseção, ao discorrer sobre a posição dos sujeitos pré-verbais no PE e no PB, assumo com Costa (1998) e Brito (2001) que esses sujeitos não estão deslocados à esquerda como propõem Barbosa (1996) e Barbosa, Duarte e Kato (2001) por ocuparem a posição-A Spec, IP.

Contra-evidências à hipótese da adjunção do sujeito à categoria funcional IP formulada por Barbosa (op. cit) podem ser encontradas nas pesquisas de Costa (op. cit.) e Costa e Galves (2002), por exemplo. Comparando o comportamento dos sujeitos pré-verbais do PB e do PE com o de línguas, como o espanhol, o italiano e o grego, é plausível assumir que nestas os sujeitos encontram-se deslocados à esquerda por não possuírem propriedades-A, ao contrário daquelas consoante as evidências que se seguem. Vale pontuar que amplio os argumentos empíricos de Costa (op. cit.) do PE para o PB:

A) Presença de ligação-A:

(26) a. Todos os estudantes pensam que eles passarão. (OKPE OKPB)

b. Todos os estudantes pensam que passarão eles. (OKPE *PB¹¹)

(COSTA, op. cit., p. 328)

Frases como as de (26a) contrariam a análise de Barbosa (1996) que assume que a única posição-A no PE é Spec, VP, estando o sujeito pré-verbal ligado obrigatoriamente a uma categoria pronominal vazia nessa posição.

Outro argumento apresentado por Costa diz respeito aos casos em que a ligação-A pode ser estabelecida entre o sujeito pré-verbal e uma anáfora contida num PP adjunto na posição pré-verbal. Nesses casos, a idéia defendida por Barbosa (op. cit.) de que o sujeito pré-verbal obrigatoriamente se liga a uma categoria pronominal vazia em Spec, VP também não é atestada:

(27) Todos os coelhos_i, durante a sua_i refeição, comeram uma cenoura. (OKPE OKPB)

(COSTA, 1998, p. 111)

¹¹ Embora o PB compartilhe com o PE o fato de a ordem não-marcada ser SVO, ao contrário do grego, ordens com o sujeito posposto não são produzidas no PB em virtude do processo de mudança por que está passando seu paradigma de flexão verbal, o que tem ocasionado um aumento substancial do preenchimento da posição pré-verbal do sujeito (DUARTE, 2000).

B) Contexto marcado de topicalização múltipla:

(28)a. Sobre o tempo, falei com o Pedro. (OKPE OKPB)

b. Sobre o tempo, com o Pedro, falei. (??PE ??PB)

(Ibid., p. 112)

No caso de o DP *O Pedro* vir seguido do constituinte topicalizado *Com a Maria*, a frase torna-se muito marginal (cf. (29a)), contudo, se for retomado por um DP interno à frase, esta se torna aceitável (29b), o que caracteriza uma construção com Deslocação à Esquerda do Tópico Pendente:

(29) a. O Pedro, com a Maria, falou rapidamente. (??PE ??PB)

b. O Pedro, com a Maria, esse sacana falou rapidamente.
(?PE ?PB)

C) SVO em contexto não-marcado:

A ordem SVO é a ordem não-marcada no PE, tendo em vista ser a ordem legítima numa pergunta com focalização de toda a frase como: *O que é que aconteceu?*:

(30) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João partiu um copo. (OKPE OKPB)

a'. *Partiu o João um copo. (*PE *PB)

(COSTA; GALVES, 2002, p. 118)

Rediscutindo a proposta de Barbosa (1996) de que a única posição-A para os sujeitos em PE é Spec, VP, Costa e Galves argumentam que tal análise não é confirmada. Se essa posição fosse, de fato, a única posição-A, o sujeito apareceria posposto ao verbo na resposta a pergunta em (30).

D) Ausência de efeitos de definitude na posição pré-verbal:

DPs pré-verbais indefinidos no PE e no PB podem possuir leitura partitiva e não-partitiva, ao contrário do grego:

(31) Alguém cumprimentou a Maria. (leitura (+partitiva) ou (-partitiva))

Assumindo que no grego sujeitos pré-verbais estão deslocados à esquerda e que no PE e no PB estão em Spec, IP, concluo que a checagem do traço EPP dá-se de forma diferenciada: na primeira, via movimento do verbo e, nas segundas, por *Move* ou *Merge* de um XP,

uma situação não prevista na análise de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998).

Levando em conta que advérbios com leitura orientada para o sujeito sempre estão adjungidos a TP (cf. (32a)), Costa (2003, p. 39) propõe que o DP sujeito encontra-se em AgrSP em virtude de a adjacência entre ele e o verbo ser rompida. Do contrário, tendo esse advérbio leitura de modo, como já referido, ele estará em posição pós-verbal necessariamente (cf. (32b) e (32c)):

- (32)a. O João *estupidamente* entornou o café. (OKPE OKPB)
- b. O João entornou *estupidamente* o café. (OKPE OKPB)
- c. O João entornou o café *estupidamente*. (OKPE OKPB)

Em contextos de tópicos marcados, quando o sujeito está deslocado à esquerda e é retomado por uma categoria pronominal no domínio interno da frase, o autor observa que a frase em que o advérbio rompe a adjacência entre esses constituintes é agramatical, o que implica considerar que Spec, TP não é uma posição disponível para hospedar os sujeitos em contextos declarativos:

- (33)a. O João... ele *estupidamente* entornou o café.
- b. *O João... *estupidamente* ele entornou o café.

Evidência adicional de que Spec, TP não é uma posição disponível para hospedar os sujeitos pré-verbais no PB também pode ser encontrada em construções com duplicação do sujeito. Nesses casos, advérbios orientados para o sujeito como *intencionalmente* e o advérbio *sempre* adjungidos a TP não podem romper a adjacência entre o DP sujeito e o pronome que o duplica¹², o que me leva, portanto, a formulação da configuração sintática em (35) em que o sujeito encontra-se em Spec, AgrSP e o verbo movimenta-se até T:

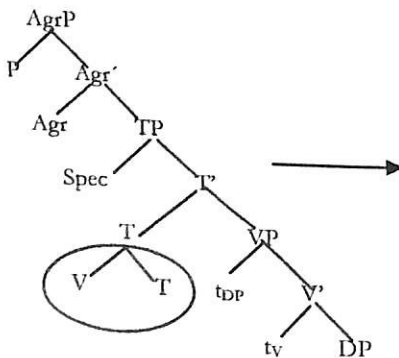
- (34)a. ?*O João (intencionalmente/sempre) ele beijou a Maria.
- a'. O João ele (intencionalmente/sempre) beijou a Maria.

(35) [_{AgrSP} DP_i [_{TP} t_i [_{T'} V_j [_{VP} t_i [_{v'} t_j DP]]]]]]

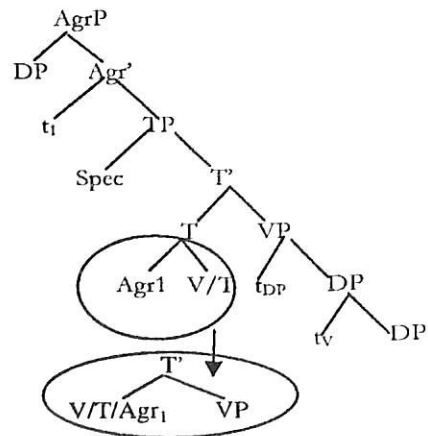
¹² Agradeço aos falantes do PB que me forneceram seus julgamentos de gramaticalidade das frases.

Retomando ao fato de Spec, TP não ser uma posição-A disponível para hospedar os sujeitos pré-verbais no PE e no PB e já que essas línguas têm movimento curto de V-para-T, como é possível estabelecer adjacência entre os núcleos Agr e T nessa língua? Fundamentada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) e, assumindo a proposta de Bobaljik (1995) sobre a existência do Parâmetro Spec, TP na Gramática Universal e seguindo a análise de Costa (2003, p. 45) para o PE, observo que, não só nessa língua, como também no PB, os morfemas T e Agr, à semelhança do inglês, competem para a inserção num único nó terminal fornecido pela sintaxe à componente morfológica, o que implica dizer que a morfologia atua sobre as derivações sintáticas (ex. do paradigma verbal do PE no presente do indicativo: fale-i/ fala-ste/ falo-u/ falá-mos/ fala-stes/ fala-ram). Nessa acepção, já que os morfemas Agr e T co-ocorrem amalgamados, havendo movimento curto de V-para-T, há motivação na componente morfológica para *Lowering* de Agr-para-T.

(36) **Sintaxe propriamente dita**
(*Raising de V-para-T*)



Componente morfológica
(*Lowering de Agr-para-T*)



É válido relembrar que a fusão de Agr e T através da *merger morfológico* só é possível em (36) em virtude de não haver constituinte interveniente entre Agr e T. Caso o sujeito estivesse em Spec, TP no PE e no PB, ele bloquearia essa adjacência, com exceção dos advérbios, conforme verifica Bobaljik (1995).

4. Conclusão

Ao discorrer inicialmente sobre o movimento do verbo na sintaxe de algumas línguas particulares, foi possível evidenciar que, no PE e no PB, há movimento curto de V-para-T. Ademais, ao centrar minha atenção no posicionamento dos sujeitos pré-verbais em sentenças declarativas finitas, foi plausível argumentar, por um lado, que sujeitos pré-verbais estão em Spec, AgrSP nessas línguas e, por outro, que a morfologia atua sobre as derivações sintáticas seguindo a linha de raciocínio de Bobaljik (1995). Em ambas as línguas, já que os morfemas Agr e T co-ocorrem amalgamados, *Lowering de Agr-para-T* é motivado na componente morfológica, a fim de que os nós terminais, que estão em competição para a inserção num mesmo nó terminal, sejam fundidos, em satisfação à condição de adjacência. Uma das conseqüências substanciais dessa análise é que a existência do Parâmetro EPP formulado por Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) pode ser refutada.

Referências

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing AGR: Word Order, V-movement and EPP-checking. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 16, p. 491-539, 1998.
- BARBOSA, P. *A New Look at the Null Subject Parameter*. Paper presented at CONSOLE III, Venice. 1994.
- BARBOSA, Pilar. A New Look at the Null Subject Parameter. In: COSTA, J. et al (Eds.). *Proceedings of ConSOLE IV*, Leiden, Nov. 1996. p. 375-395.
- BARBOSA, P.; DUARTE, E. L.; KATO, M. A. A Distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. In: CORREIA, C. N.; GONÇALVES, A. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2001. p. 539-550.
- BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg e Sellier, 1990.
- BOBALJIK, J. D. *Morphosyntax: The Syntax of Verbal Inflection*. *MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: Massachusetts, 1995.

BRITO, A. M. Clause Structure, Subject Positions and Verb Movement about the Positions of *sempre* in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D'HULST, Y. et al. (Eds.). *Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 63-85.

BRITTO, H. Syntactic Codification of Categorical and Thetic Juggments in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 195-222.

CARDINALETTI, A; STARKE, M. *The Typology of Structural Deficiency. On the Three Grammatical Classes*. January, 1993, May 1994. p. 1-52.

CHOMSKY, N. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: FREIDEN, R. (Ed.). *Principle and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991. p. 417-454.

CINQUE, G. On the Theory of Relative Clauses and Markeness. *The Linguistic Review* 1, 1982. p. 247-294.

COSTA, J. *Word Order Variation: A Constraint-Based Approach*. Holanda: Holland Academic Graphics, 1998.

COSTA, J. Null vs Overt Spec, TP in European Portuguese. In: QUER J. et alii (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2001: Selected papers from 'Going Romance'*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 33-49.

DUARTE, M. E. L. The Loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

GALVES, C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 1996. p. 387-408.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 47, p. 19-31, Jan./ Jun. 1998.

- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and The Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Current Studies in Linguistics*, 24, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1993. p. 111-176.
- JONAS, D.; BOBALJIK, J. Specs for Subjects. *MIT Working Papers*, 18, p. 59-98. 1993.
- KATO, M. A. A Restrição de Monoargumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Lingüístico*. Florianópolis, Pós-graduação em Lingüística, UFSC, 1999, p. 1-21. (no prelo)
- KATO, M. A. The Partial Pro-drop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 2000. p. 223-258.
- MAY, R. *Logical Form*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1985.
- PONTES, E. *Sujeito : da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo: Ática; Brasília, INL, 1986.
- POLLOCK, J. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, n. 20, v. 3, p. 365-424, 1989.
- RIZZI, L. A Parametric Approach to Comparative Syntax: Properties on the Pronominal System. HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York: Longman, 1997. p. 268-285.
- SILVA, C. R. T. *As Implicações da Natureza de AGR para a Ordem VS: um Estudo Comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu*. Tese de Doutorado em Lingüística. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2004.
- VIKNER, S. V^0 -to- I^0 movement and inflection for person in all tenses. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York: Longman, 1997. p. 189-213.